



OS SABERES E PRÁTICAS AGRÍCOLAS NAS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO ROQUE – PRAIA GRANDE/SC

Talita Daniel Salvaro¹

Este artigo constitui o resultado do projeto de extensão “Os saberes e práticas agrícolas de ontem e de hoje na comunidade Quilombola de São Roque/Praia Grande - SC”. A ideia de um estudo, cujo objeto de pesquisa fosse a Comunidade, surgiu após a constatação, por meio de conversa com alguns moradores, da necessidade de divulgação da terra remanescente quilombola. Servidores e discentes do IFC - *Campus* Santa Rosa do Sul (CSRS), mesmo com a proximidade da instituição², desconheciam a existência da referida terra.

A obra que inspirou e motivou a pesquisa sobre o Quilombo São Roque, foi “Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição”, de Ana Lugão Rios e Hebe Maria Mattos. As autoras se utilizaram de pesquisa em acervos e, principalmente, trouxeram à tona a memória dos quilombolas por meio de entrevistas, levantando fatos relacionados aos vários aspectos da vida escrava, como também do pós-abolição.

O projeto busca contribuir na contemplação da Lei nº. 11.645, de 2008 (Planalto do Governo, 2018) que prevê, artigo 26-A, que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Assim, o resultado desta pesquisa pode configurar-se como material de trabalho para as escolas do entorno, pois o projeto visa como resultado final à produção de um livreto.

Com a execução do projeto intencionou-se aliar e direcionar a pesquisa a um tema comum à Instituição e à Comunidade e de importância para ambas. Assim, chegou-se então a ele: a agricultura - atividade que transformou o homem em sedentário e que é a base econômica do país. Portanto, o presente artigo tem como propósito descrever as práticas e saberes relacionados à agricultura quilombola e estabelecer vínculo entre esses conhecimentos, isto é,

¹ Professora de História no Instituto Federal Catarinense – *Campus* Santa Rosa do Sul. Projeto financiado pelo AFIPROJ/IFC. E-mail: talita.salvaro@ifc.edu.br.

² O quilombo está aproximadamente a uma hora e meia, de carro por estrada de chão, do IFC - *Campus* Santa Rosa do Sul. Este último, localiza-se na comunidade de Vila Nova, município de Santa Rosa do Sul/SC.



congregar teoria à prática, em se tratando dos estudantes³ do Curso Técnico em Agropecuária do IFC.

Por meio das entrevistas realizadas pela Metodologia da História Oral, obtivemos o registro das memórias, que após serem transcritas e autorizadas, tornaram-se uma fonte histórica, uma vez que aliada às observações de saída a campo, resultaram em trocas de conhecimentos e novos aprendizados. As memórias individuais e coletivas proporcionam um vai e vem da história, que é riquíssimo, pois agrega temporalidades que se cruzam na memória e enfatizam que o relembrar é significativo para fortalecer a identidade do povo. De acordo com Delgado (2006:43), “as narrativas, tais quais os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições”.

O Quilombo São Roque, localizado nos atuais municípios de Praia Grande (litoral sul do estado de Santa Catarina) e Mampituba (litoral norte do Rio Grande do Sul), foi reconhecido como tradicional quilombola em 2004 pela Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura. Grande parte das terras estão localizadas no Parque Nacional Aparados da Serra⁴ e Parque Nacional da Serra Geral⁵. Em Santa Catarina, existem duas comunidades tituladas pelos INCRA, Invernada do Negros, localizada entre os municípios de Campos Novos e Abdon Batista, e Família Thomaz em Treze de Maio. Segundo notícia da Fundação Cultural Palmares (2018), São Roque teve neste ano um grande avanço em relação à titulação da terra, pois vários órgãos públicos envolvidos na retomada da terra tradicional participaram de reunião com vistas a acordos para a finalização do processo.

O Quilombo São Roque recebeu essa denominação devido ao Santo Padroeiro da comunidade, também é conhecido por Pedra Branca, devido à referência ao “monumento” da natureza, que se encontra na localidade. Segundo dados do INCRA (2018), 32 famílias habitam o local, cuja extensão total é de 7.327, 6941 hectares.

Símbolo de resistência da escravidão, os quilombos foram formados por escravos negros que fugiam do sistema de trabalho compulsório, opressor e violento, à procura de liberdade.

³ O projeto foi desenvolvido pela autora deste artigo, estudantes bolsistas e voluntários do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

⁴ A unidade foi criada através do Decreto nº 47.446, de 17 de dezembro de 1959, com uma área estimada de 13.000 ha (130 km²), somente em terras do planalto gaúcho. Foi ampliado para o território catarinense em 17 de março de 1972, por meio do Decreto nº 70.296.

⁵ O Parque Nacional (Parna) da Serra Geral foi criado pelo Decreto nº 531, de 20 de maio de 1992, com área de 17.300 ha.



Junto a essas comunidades, também se estabeleciam indígenas e brancos pobres. Segundo Adelmir Fiabani (2005:11), “no novo espaço de liberdade, o trabalhador escravizado escapado usufruía de seu esforço, empregado na agricultura, artesanato, caça, coleta, extrativismo, pesca, rapinagem”. Em torno dessas atividades, de acordo com cada região, é que se formaram os Quilombos. Atualmente as terras e a população são conhecidas como Comunidades Remanescente Quilombolas (CRQ’s).

A denominação quilombo tem vários significados, dentre eles: “quilombo/mocambo que para a maioria das línguas bantu da África Central e Ocidental quer dizer “acampamento”, em regiões africanas centro-ocidentais, nos séculos XVII e XVIII, a palavra *kilombo* significava também o ritual de iniciação da sociedade militar dos guerreiros dos povos imbangalas” (PINSKY; BASSANEZI, 2013:449).

A formação do Quilombo São Roque é contextualizada no século XIX, em que fazendeiros rio-grandenses praticavam a pecuária de gado bovino, utilizando-se de mão de obra escrava. As terras que hoje fazem parte do quilombo eram invernadas utilizadas pelos estancieiros para trazer o gado da serra.

São Roque era uma conexão com os campos de Cima da Serra, como por exemplo São Francisco de Paula, “ora fugidos, ora ao alcance do domínio senhorial, os escravos no século XIX desciam dos campos de Cima da Serra para cultivar as férteis várzeas e planícies da região litorânea, na localidade conhecida como Roça da Estância” (NUER, 2006:132), hoje próxima ao local. Os escravos eram utilizados como mão de obra na pecuária do gado bovino.

Segundo o entrevistado e morador da comunidade, João Gabriel de Oliveira, (2014):

A comunidade, ela foi fundada pelos escravos que desciam da serra, daí tinham os fazendeiros, sabe, as áreas deles pegavam lá no canto e vinha aqui embaixo. Então daí eles pegavam as pessoas pra trabalhar pra eles, justamente assim só pela comida, um povo que não tinha direito a diversão, só trabalha, só trabalha. Abriu-se os caminhos, a ser que tem que subir pra cima, foi tudo feito pelas mãos dos escravos, e puxavam mantimento, tudo, levava, no ombro, nas costas para levar no fazendeiro lá em cima, então quando foi liberto, daí cada um daqueles escravos, que morava aqui em baixo, já ficaram, ali mesmo, já ficaram colocados onde tavam, e a comunidade também foi



formada pelos escravos, a igrejinha que tinha antes, foi tudo promovido pelos escravos.

Os locais de estabelecimento dessas comunidades eram na sua maioria lugares formados por densas matas, presença de rios, onde fosse possível plantar, criar animais e viver “livre”. O desenvolver dessas comunidades esteve e está ligado ao meio em que vivem, segundo Adelmir Fiabani (2005: 311), “os quilombolas empregaram sua capacidade produtiva utilizando os recursos naturais disponíveis como meios de sobrevivência”. Na região do extremo sul de Santa Catarina, os recursos utilizados estão relacionados à terra, tendo tamanha importância, pois dela advêm a subsistência desde o passado, além de algumas relações comerciais.

A região que abriga São Roque compreende as características citadas acima e é considerada por seus moradores um local bom para viver, principalmente levando-se em consideração que, para as comunidades tradicionais, a terra é primordial para a vivência do povo, tão importante que Gabriel de Oliveira (2014), disse em entrevista: “A terra para nós, mais, do que nunca eu deixaria de dizer, que é vida [...]”. Ou seja, a relação com a terra e consecutivamente com os produtos que são obtidos por meio dela é que contribuiu no viver dessa comunidade e na perpetuação das tradições e cultura.

O senhor Afonso (2014) em entrevista, ressalta que o local do Quilombo foi escolhido porque:

As terras aqui, eram terras boas naquelas épocas, e naquelas épocas os quilombos, os fazendeiros por exemplo tinham muito gado ao redor tudo e daí os quilombos abriram um rocio aqui nesse lugar, Pedra Branca aí eles puxavam milho pra Serra e depois no inverno traziam gado e quando nós vemos por aqui as vezes descia trinta, quarenta vacas de leite, chegavam aqui embaixo chamavam os morador e diziam “ tu que uma vaca, quer duas vacas de leite, três vacas e cuidavam né quando chegavam. Primeiro levavam aqui de baixo, sortavam e iam embora, era assim, e daí nas resteia de milho né que a gente plantava bastante, mas a força do milho né, era puxado consumido... uh com os fazendeiros, aqui pra Praia Grande nós tinha muito pouco acesso por exemplo de produto, ia pra Serra.



A agricultura, por mais que seja limitada devido aos impasses de terra, ainda é a fonte de subsistência e renda da comunidade, que mantém aspectos de sua cultura presente nos saberes ancestrais e no desenvolver das práticas. As comunidades tradicionais repassam às gerações os conhecimentos que perfazem seu mundo. Muitos saberes ligados à agricultura foram assim obtidos e ainda são praticados conforme mencionou Vilsomar, agricultor e morador da comunidade, ressaltando que os ensinamentos sobre agricultura foram repassados pelos “avós, de geração para geração, e essa geração já tem aproximadamente 150 anos. É a terceira geração, e a cultura nós vamos segurando [...]”.

Dentre o aprendizado com os mais sábios, Afonsinho (2015), diz que aprendeu com os pais a plantar de acordo com a lua.

Sim a prática de aprende a planta, as luas, muita gente não aprendeu. Não acredita, conta muito. Aqui por exemplo o que dá embaixo da terra, cebola batata doce, aipim, beterraba, rabanete, a gente planta na crescente até a cheia. E em cima da terra, milho, feijão, o trigo, planta na minguante, abóbora, moranga, aprendi com meus pais. Muitos acreditam, outros não, mais manda muito a lua, a nova por exemplo produz bem, floresce bem só que bicha muito. Mas a gente aprendeu e ensina assim. Hoje por exemplo os engenheiros eles acreditam no remédio e na aplicação e nós é na prática, meu pai sempre falava meu filho mais vale pratica que a gramática.

Afonso Pereira dos Santos Filho é casado com a senhora Maria Rita dos Santos, ele tem 78 anos de idade, sendo um dos moradores mais antigos da comunidade, esbanja saúde e disposição para cuidar de suas plantações. Afonsinho, como é chamado, é um dos poucos quilombolas que possui um espaço de terra maior, na qual desenvolve alguns cultivares, planta de tudo um pouco. Nas saídas a campo, observamos o cultivo de abacaxi, pêssego, acerola, uva, verduras, legumes, café, aipim. O entrevistado informou que está iniciando agroecologia em uma de suas áreas. Ele e sua esposa trabalham juntos, o trabalho referente à roça fica mais aos cuidados dele. A casa, a produção de conservas e outros derivados ficam sob responsabilidade de sua esposa: dona Maria.

O carro chefe da propriedade é a plantação de morangos, algo novo no quilombo, introduzido por Afonsinho. Em uma das conversas, relatou que não conhecia morango e que a



fruta lhe foi apresentada em um curso e que foi incentivado por um engenheiro agrônomo a cultivá-la. No início, precisou aprender novas técnicas e adaptá-las a prática, hoje reúne conhecimentos necessários para o cultivo da fruta. Nas observações a campo, os estudantes bolsistas e voluntários perceberam no morango o uso da irrigação por gotejamento, técnica que aprenderam nas aulas da disciplina de Irrigação. Trocaram experiências com Afonsinho e indagaram-no se sempre fizera assim ou se aprendera posteriormente. Segundo Afonsinho (2015):

Molhava de chuveirinho e daí eu vou dizer pra vocês, esse ano é que eu to fazendo isso ai, [...], aí alguém me disse assim, não, o morango e o tomate tem que ser irrigado por baixo tem que ser por gotejamento e eu descobri que é, tem que molhar por chão, as outras plantas tu pode molhar por cima né, com o chuveiro mas, com o tomate e o morango é irrigação por baixo.

Todos os conhecimentos adquiridos por Afonsinho provêm dos seus ancestrais, e também oriundos de cursos de formação de que participara. Foi na busca por mais conhecimento que aprendeu como organizar os morangos nas bandejas e a congelar para posterior comercialização.

Um das práticas mais antigas utilizadas pelos povos tradicionais no preparo da área a ser plantada, a coivara, foi mencionada durante as entrevistas. Atualmente esta prática não é mais utilizada em São Roque, devido às políticas de preservação do meio ambiente dentro do Parque Nacional, mas é trazida à tona em decorrência da memória dos mais velhos, por ser, esta prática, comum no passado. A coivara consiste basicamente na limpeza, queima e plantação. Segundo Mazoyer e Roudart (2010, p. 129:130):

Os cultivos de derrubada-queimada são praticados [...] em terrenos previamente desmatados por uma roçada, ou seja, por um abate seguido de queimada, mas sem destocagem. As parcelas desmatadas são cultivadas apenas durante um, dois ou máximo três anos, [...] e depois são abandonadas ao pousio florestal por um ou vários decênios, até serem novamente desmatadas e cultivadas.



No quilombo, a parte inicial de limpeza do terreno a ser cultivado era à base da foice, machado e enxada. Vilsomar explica que: “faz a roçada, derruba e depois de uns três, quatro dias, quando der um sol bem quente, passa fogo, depois planta e tem que esperar um tempo para a terra se recuperar”. Essa relação de cuidado com a natureza, de respeitar seu tempo de recuperação faz parte da tradição quilombola, pois a natureza é vista como grande aliada no desenvolvimento das plantações.

As relações entre São Roque e a serra marcaram a vida da comunidade e são lembradas por todos os entrevistados. As trilhas eram utilizadas para que o gado de cima da serra pudesse invernar e para relações comerciais com os fazendeiros, alguma mercadoria ficava nas redondezas. Vilsomar da Silva lembra que na época de seu pai, a mercadoria era vendida em “Praia Grande (SC), quando sobrava, então era vendida aos fazendeiros. Eu ainda lembro que meu irmão e eu levávamos feijão no cargueiro para entregar no mercado”. A cangalha, o cargueiro e as bruacas, em cima dos cavalos e mulas eram o meio utilizado para o transporte dos produtos e de animais carneados, como por exemplo porcos que eram levados para a serra.

Os instrumentos utilizados para o plantio pouco mudaram. Continuam utilizando a foice, enxada, machado, carpideira, saraquá, bocó, repudiam veemente o uso de agrotóxicos. Alfredo, experiente em subir nos pés de araucária para retirar pinhão, mencionou que seus “familiares faziam as plantações perto de casa, plantavam, para a sustentação da família, batata doce, milho, feijão e criavam porcos”. Os alimentos continuam basicamente os mesmos, além de café, verduras e frutas. Os poucos animais criados são galinhas e porcos.

Muito comum, nas CRQ’s, são os mutirões de trabalho e trocas de alimentos, estes também são recordados por Vilsomar (2015).

Eles trocavam para fazer uma lavoura, se um não tinha semente o outro arrumava, se um tinha uma planta no mato eles se uniam e iam lá e limpavam aquela roça. Todo mundo se ajudava. Hoje existe também essa solidariedade entre os moradores, mas não tanto como no passado”.

Na região também havia engenhos de produção de açúcar e atafona para farinha de mandioca, que hoje não funcionam mais. Afonsinho (2015) lembra que ainda na época da escravidão havia estes engenhos “O quilombo aqui, faz uns duzentos anos. Havia homem –



proprietário de um engenho de farinha de mandioca, que possuía uns escravos - uns catorze, vinte”.

As relações das CRQ's com a terra e a agricultura é indiscutível. São Roque é fruto dessa terra, escolhida para ser um refúgio que hoje luta para ser oficializada. Na simplicidade de seus moradores e no respeito com a natureza, percebe-se a importância de se manter as tradições e cultura, por mais que as dificuldades existam. O desejo de permanecer no local em que estiveram seus ancestrais é muito maior, o grande sábio Afonsinho (2015) refere-se ao Quilombo como:

Aqui é bom morar porque, aqui é um lugar calmo, aqui é um lugar saudável, um lugar de água boa, que a gente se criou aqui no interior e eu nunca morei assim como disse para a senhora tempo na cidade, uma vez parei lá trabalhei [...] mas é a minha descendência é aqui no mato, aqui no campo.

Portanto, ser remanescente quilombola é identificar-se com o passado familiar e sentir-se membro do grupo de que faz parte, permeando um sentimento de atribuição comum, mantido por meio da cultura, conhecimento da mata, saberes agrícolas, cantos, mitos e tantos outros conhecimentos partilhados pela memória.

Referências Bibliográficas:

Boletim Informativo NUER/ **Quilombos no sul do Brasil**: perícias antropológicas - v.3, n.3- Florianópolis, NUER/UFSC, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FIABANI, Adelmir. **Mato, Palhoça e Pilão**: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes. (1532-2004). SP: Expressão Popular, 2005.

FILHO, Afonso Pereira dos Santos. **Entrevista** concedida a Giovana Cadorin Votre, Talita Daniel Salvaro, et al., em 31/08/2015 –São Roque – Praia Grande/SC.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.) **História da cidadania**. 6ª ed. SP: Contexto, 2013.



MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Lugão. **Memórias do cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MAZOYER, Marcel & ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo**. [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreria]. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

OLIVEIRA, João Gabriel. **Entrevista** concedida a Talita D. Salvaro, Giovana C. Votre e Elisandro R. Prestes, em 09/10/2014, São Roque – Praia Grande/SC.

SANTOS, Alfredo dos. **Entrevista** concedida a Giovana Cadorin Votre, Talita Daniel Salvaro, Et al., em 31/08/2015 –São Roque – Praia Grande/SC.

SANTOS, Maria Rita dos; FILHO, Afonso Pereira dos Santos. Entrevista concedida a Giovana Cadorin Votre, Talita Daniel Salvaro e Elisandro Raupp Prestes, em 08/08/2014 –São Roque – Praia Grande/SC.

SILVA, Vilsomar da. Entrevista concedida a Giovana Cadorin Votre, Talita Daniel Salvaro, Bruno Leffa Borges, Ramon Generoso Martins, Igor Antônio Gonçalves de Abreu, Diana Loch Duesmann, Sara da Silva Santos, em 31/08/2015 –São Roque – Para Grande/SC.

Páginas da internet:

Fundação Cultural Palmares. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/archives/50560> , acesso em 01/06/18.

Incra. Disponível em: http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-andamentoprocessos-quilombolas_quadrogeral.pdf, acesso em 15/05/2018.

ICMBIO. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaaparadosdaserra/quem-somos.html> sobre aparados da serra, acesso em 04/06/2018.

ICMBIO. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/730-parque-nacional-da-serra-geral.html>, acesso em 04/06/2018

Lei n. 11.645 de 10/03/2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm, acesso em 20/04/2018.